

"GUERRA É PAZ"¹: AS IMPLICAÇÕES DA LINGUAGEM OPERACIONALIZADA NO PROCESSO DE ESCLARECIMENTO DOS INDIVÍDUOS

"WAR IS PEACE": THE IMPLICATIONS OF THE OPERATIONALIZED LANGUAGE IN THE CLAIMS PROCESS OF INDIVIDUALS

"GUERRA ES PAZ": LAS IMPLICACIONES DEL LENGUAJE OPERACIONALIZADA EN EL PROCESO DE ESCLARECIMIENTO DE LOS INDIVIDUOS

*Stéfany Rodrigues SOUSA**

Resumo: Partindo da perspectiva frankfurtiana, especialmente alicerçada em Marcusi, este artigo visa refletir sobre o fechamento do universo da locução e suas consequências linguísticas e sociais na formação dos indivíduos e no processo de esclarecimento. Como problemáticas decorrentes desse processo, destacam-se a dissipação das contradições do campo comunicativo, a harmonização de termos opostos, a compactação da arte, a transformação do nome do objeto em função deste, o fetichismo linguístico e a supressão da história. Ao fim, nota-se a rememoração da história como passo inicial de rompimento com a linguagem operacional que transforma seus usuários em indivíduos também operacionais e de pensamento obscurecido.

Palavras-chave: Esclarecimento; Linguagem; Operacionalização; Fechamento do universo da locução.

Abstract: Starting from the Frankfurtian perspective, especially based on Marcusi, this article aims to reflect on the closure of the locution universe and its linguistic and social consequences on the formation of individuals and the process of enlightenment. Problems arising from this process include the dissipation of the contradictions of the communicative field, the harmonization of opposing terms, the compacting of art, the transformation of the name of the object in function of this, linguistic fetishism and the suppression of history. At the end, we can recall the history as an initial step of breaking with the operational language that transforms its users into individuals also operational and obscured thinking.

¹ Expressão proveniente do filme britânico "1984" baseado na obra fictícia de George Orwell.

* Graduação em Letras, pela Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. Mestranda em Educação, pela Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. Bolsista Capes. Contato: stefanyrsrs@gmail.com.

Keywords: Clarification; Language; Operationalization; Closing the locution universe.

Resumen: A partir de la perspectiva frankfurtiana, especialmente basada en Marcusi, este artículo pretende reflexionar sobre el cierre del universo de la locución y sus consecuencias lingüísticas y sociales en la formación de los individuos y en el proceso de esclarecimiento. Como problemáticas derivadas de este proceso, se destacan la disipación de las contradicciones del campo comunicativo, la armonización de términos opuestos, la compactación del arte, la transformación del nombre del objeto en función de éste, el fetichismo lingüístico y la supresión de la historia. Al final, se nota la rememoración de la historia como paso inicial de rompimiento con el lenguaje operacional que transforma a sus usuarios en individuos también operativos y de pensamiento oscurecido.

Palabras clave: Aclaración; Lenguaje; Operacionalización; Cierre del universo de la locución.

Introdução

Em seu livro "A Ideologia da Sociedade Industrial", Herbert Marcusi aborda como a dimensão unidimensional afeta a política, filosofia e linguagem. Em seu capítulo intitulado "O fechamento do universo da locução", o autor discorre sobre as consequências desse fenômeno na linguagem. Partindo dessas ideias, serão discutidas as implicações linguísticas e sociais dessa operacionalização.

O processo de operacionalização da linguagem ou locução funcional, conforme Marcusi, faz com que o significado dos conceitos se restrinja somente à representação de operações e comportamentos específicos. Ou seja, as palavras antes carregadas de sua própria história, evolução e aspectos culturais são reduzidas a um meio que aponta para uma função, transformando seu conceito em sinônimo de um conjunto de operações.

Esse tipo de linguagem gera diversos problemas, tanto do ponto de vista social quanto linguístico. Serão mencionados a ausência de contradições, a harmonização dos opostos, a compactação da Literatura, a transformação do nome em função, o fetichismo da linguagem, a supressão da história e o caráter anti-crítico dessa linguagem.

Essa linguagem, ainda segundo o autor, é consequência de uma sociedade que "assimila tudo o que toca" ao invés de analisar a

realidade em que vive, que "absorve a contradição" ao invés de identificá-la (MARCUSI, 1997, p. 92).

A locução funcional, conforme demonstrada por Marcusi, possui algumas características principais, dentre as quais destacam-se: a)"o desenvolvimento impedido em fórmulas autoavaliadoras e hipnóticas;" o que será abordado como fetichismo da linguagem; b)"imunidade contra a contradição" discutido juntamente com a harmonização dos opostos; e, por fim, c)"identificação da coisa (e da pessoa) com sua função"(MARCUSI 1997 p.102).

A ausência das contradições

Uma das problemáticas desse processo é que "a funcionalização da linguagem ajuda a repelir os elementos não-conformistas da estrutura e do movimento da palavra" (MARCUSI 1997 p. 93). Assim, não há espaço para a identificação das contradições, pois uma "harmonização" se sobrepõe a elas e o campo da linguagem, mantendo conformados os cidadãos.

Ou seja, esse tipo de linguagem demonstra uma integração total do ser nas esferas sociais, principalmente na esfera linguística, campo dotado da subjetividade e ideologia individual e âmbito em que deveriam se manifestar a não conformidade diante da organização social.

Contrariando os propósitos da linguagem enquanto ferramenta de interação² e meio dialógico de comunicação, a linguagem operacionalizada "não mais se presta de modo algum à locução. Ela pronuncia e, em virtude do poder do aparato, estabelece fatos" não explica ou demonstra algo, mas comunica a sentença, o comando e a decisão (MARCUSI, 1997, p. 106). Dessa forma, a linguagem se torna mais comunicativa do que interativa: comunica e ordena sem esperar ou aceitar a resposta, a réplica do interlocutor.

² Concepção de linguagem baseada no filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin mencionada na obra "Estética e Filosofia da Linguagem".

"Harmonização" dos opostos

Um dos pontos nevrálgicos da linguagem operacionalizada é a sua capacidade de conciliar "harmoniosamente" dois ou mais conceitos extremamente opostos de forma que os indivíduos aceitem racionalmente essa conciliação e passem a reproduzi-los como se essa oposição nunca existissem.

Não apenas no título do trabalho ou em uma obra literária há exemplos de "harmonização", mas em momentos sutis da realidade.

Assim, o fato de a forma existente de liberdade ser servidão e de a forma existente de igualdade ser desigualdade sobreposta é impedido de ser expressado pela definição fechada desses conceitos em termos dos poderes que moldam o respectivo universo da locução (MARCUSI, 1997, p. 96).

Como exemplo, Marcusi cita a linguagem fictícia orweliana, ou "Novilíngua", encontrada no filme "1984", em que a harmonização dos opostos se faz presente em expressões como "guerra é paz". Todavia, um exemplo mais recente e real foi visto em um cartaz encontrado em Brasília no mês de julho convocando a população para uma movimentação política.

Os dizeres do cartaz eram exatamente o seguinte: "Viva Temer!!! Viva Cunha!!! corruptos, mas íntegros." Mesmo desconsiderando qualquer informação a respeito dos candidatos citados, é notória a tentativa absurda de harmonizar opostos irreconciliáveis.

Uma simples conferência ao dicionário³ mais próximo nos permite constatar que corrupto é definido como aquele que sofreu corrupção, que foi corrompido, que corrompe ou se deixa corromper ou subornar, instigador ou cúmplice de corrupção. No extremo oposto, íntegro é aquele indivíduo de reputação incorrupta, reto, inatacável, digno.

Um dos graves problemas dessa unificação está no fato de que ao "exibir suas contradições como sinal de sua veracidade, esse universo da locução se fecha contra qualquer outra locução que se

³ Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

apresente em seus próprios termos" (MARCUSI, 1997, p. 97) fazendo com que essa unificação se torne mais verdadeira do que a oposição existente entre os termos. Em outras palavras, com essa harmonização, ocorre a anulação do significado dos termos "conciliados" e um esvaziamento de sentido.

Assim, quando o indivíduo procura as palavras para exercer resistência e lutar contra a forma de organização vigente ele se depara com conceitos fluídos, esvaziados de sentido e que não mais servem ao seu discurso de luta.

Uma vez que a linguagem carrega consigo sua evolução e história, transformá-la em operação descarta todos esses aspectos com vistas à produtividade e reforço do *status quo* social e da perpetuação da ideologia dominante.

A compactação da arte - literatura

Outra consequência que nos atinge é a compactação e padronização da arte, e não por acaso. A arte é uma das poucas produções humanas capaz de despertar a reflexão e o pensamento crítico do ser em relação ao mundo, à sociedade, à vida e ao próprio ser humano e lutar contra a dominação que nos é imposta, uma vez que nos confere novas perspectivas que nos tiram do nosso lugar comum, que ultrapassam o nosso cotidiano. Por isso, compactar e padronizar essa forma de expressão é abafar um pouco da capacidade de sermos autocríticos e de despertamos para as contradições que nos cercam.

Esse processo invade as artes plásticas e musicais de forma visivelmente reducionista. As complexas composições de músicos do passado se tornam melodias para se ouvir durante a espera da ligação do serviço de atendimento ao consumidor de alguma empresa e as obras de arte carregadas do contexto de seu autor e sua época agora se tornam apetrechos decorativos da sala de espera dos consultórios ou "casars" para celulares.

A produção "Big Eyes"⁴ aborda essa massificação ao descrever a estratégia encontrada por Walter Keane diante das vendas insuficientes de telas. Uma vez que uma pintura era dispendiosa e

⁴ Filme de 2015 dirigido por Tim Burton e baseado na história real da pintora Margaret Keane, autora da tela "Tomorrow Forever" encontrada na sede da Organização das Nações Unidas.

difícil de ser vendida rapidamente, Walter decide compactar as pinturas e iniciar sua produção em massa, transformando as telas enormes, dispendiosas, limitadas, demoradas e artísticas em cartões postais e fotocópias menores, baratas, rápidas, lucrativas e mais numerosas. O importante, para o personagem, não era mais que os grandes olhos das imagens da tela causassem o incômodo e levassem seus apreciadores a refletir acerca da situação das crianças, mas sim o lucro que a venda de mais produções poderia gerar.

A Literatura, especialmente, é uma das artes em que essa compactação se torna mais nítida. A linguagem operacional transforma célebres e complexas obras literárias de grandes autores em versões condensadas e diminutas. Esse processo esbarra em sérias problemáticas.

A primeira delas é desconsiderar o trabalho textual e artístico do autor em desenvolver um livro com detalhes e características essenciais e indispensáveis à completude do mesmo. Diminuir a extensão do livro equivale, conseqüentemente, a eleger e diferenciar partes importantes de partes menos importantes e dispensáveis, privando assim o leitor da experimentação completa do trabalho do escritor e de detalhes intencionalmente criados para um objetivo específico e não como mero enfeite.

Outra consequência é que a transformação de grandes obras em "versões pocket" ou "versões de bolso" acarreta uma alteração da linguagem, tornando-a mais acessível, fluída e compreensível. Ao contrário de alguns defensores dessa acessibilidade que apresentam a possibilidade de maior abrangência de uma obra com linguagem mais "simplificada" como argumento, a alteração da linguagem priva o leitor da aquisição de novos vocábulos, conceitos e de avanços em seu processo de leitura e interpretação.

Além disso, uma das características principais da Literatura enquanto arte da palavra é o estranhamento⁵, ou seja, uma linguagem ou uma forma de expressão que impeça a identificação e reconhecimento imediato do leitor com aquilo que se lê a fim de que este se distancie da forma corriqueira que compreende o mundo, a sociedade e a si mesmo e, por isso, consiga olhar de outra perspectiva sua própria condição.

⁵ Termo literário atribuído ao formalista russo Viktor Chklovski.

A linguagem "estranhada" da literatura exige um esforço maior do leitor por que não é a linguagem falada pelo apresentador no telejornal, da mocinha da novela de horário nobre ou dos vizinhos, mas oferece um desafio e uma recompensa a quem se aventura por seu desbravamento: a reflexão.

O nome (não) é função

Outro ponto digno de nota é a transformação do nome em função, na qual o nome das coisas não mais nomeiam, agora indicam sua funcionalidade. Conforme Marcusi,

A locução é privada das mediações que são as etapas do processo de cognição e avaliação cognitiva. Os conceitos que compreendem os fatos, e desse modo transcendem estes, estão perdendo sua representação linguística autêntica. Sem tais mediações, a linguagem tende a expressar e a promover a identificação imediata da razão e do fato, da verdade e da verdade estabelecida, da essência e da existência, da coisa e da sua função (MARCUSI, 1997, p. 93).

Um exemplo é o caso das "squeezes", pequenas garrafas portáteis para colocar água. A tradução do verbo em inglês *to squeeze* para o português corresponde a espremer, apertar, o que aponta para ação que se realiza com o objeto antes de, efetivamente, nomear o item.

Um dos grandes problemas disso, da perspectiva linguística, consiste no fato que isso fere um dos princípios básicos da definição do que seja linguístico. Baseado na conceituação de uma das dicotomias do linguística Ferdinand Saussure⁶, o signo linguístico é constituído por dois elementos essenciais e dependentes: O significado e o significante.

O primeiro, também chamado de conceito, diz respeito à definição da palavra, ou seja, o que ela significa. O segundo, conhecido também como imagem acústica, é a palavra que chega até nós em sua forma escrita, falada, lida, ouvida ou sentida (no caso do

⁶ Precursor dos Estudos da Linguagem e criador da dicotomia significante/significado descrita no livro póstumo Curso de Linguística Geral publicado em 1916.

braille). Ambos são como dois lados de uma folha de papel: diferentes, porém indissociáveis.

Dessa forma, o significado não pode ser significante, assim como a palavra não pode ser o conceito, mas precisa apontar para esse conceito, não de forma imediata, mas de forma intermediada pelos processos cognitivos. Porém, ferindo essa dicotomia "as palavras e os conceitos tendem a coincidir, ou antes, o conceito tende a ser absorvido pela palavra" (MARCUSI 1997 p.94).

E assim como os objetos, os indivíduos deixam de ser nomeados para serem conhecidos por sua função. Apaga-se o nome, característica subjetiva e individual elementar para a constituição do ser, algo que o define e o destaca em relação aos outros, para fazer sobressair à funcionalidade, a ação e o seu caráter produtivo.

Resistência na ponta da língua

Marcusi ressalta que a operacionalização não invade a linguagem sem que haja alguma resistência, mas

É como se o homem comum (ou seu porta-voz anônimo) reafirmasse sua natureza em sua palavra, contra os poderes existentes, como se a rejeição e a revolta, subjugadas na esfera política, explodissem no vocabulário que dá às coisas os seus verdadeiros nomes (MARCUSI 1997 p.95).

Como forma de oposição e resistência a uma linguagem que ocupa o lugar de destaque, surgem as gírias, que tentam resgatar o poder sobre a nomeação e o resgate da posição de comando, pois quem nomeia governa, quem enuncia exerce o poder e autoridade sobre os demais. Ressignificar vocábulos, como no caso das gírias, ou criar novas palavras, é uma tentativa de escapar da dominação e também dominar.

Percebe-se que a linguagem operacionalizada funciona como reflexo e reforço da organização social. Analogamente à sociedade, o

[...] substantivo governa a sentença de um modo autoritário e totalitário e a sentença se torna uma declaração a ser aceita - repele a demonstração, a qualificação, a negação de seu significado codificado e declarado (MARCUSI, 1997, p. 95).

Os papéis sociais são definidos por um pequeno grupo de forma a evitar questionamentos e alterações, assim, não há espaço para a negação ou reflexão sobre o papel imposto, mas uma aceitação irrefletida e um pensamento cada vez mais obscurecido.

Assim, a partir da ordem (im)posta, cada indivíduo se reconhece em sua classe, realizando sua função, pensando estar cumprindo seu papel social, mas aos poucos se reificando, se transformando em peça da grande máquina e contribuindo para o bom funcionamento das engrenagens do sistema.

Fetichismo da linguagem: crise, crise, crise...

Um dos pontos da linguagem operacionalizada é o seu poder hipnótico sobre os indivíduos, assim como o fetichismo da mercadoria conceituado por Marx. "Elementos mágicos, autoritários e rituais invadem a palavra e a linguagem" (MARCUSI, 1997, p. 93). A linguagem perde suas características para estar a serviço da continuação da produtividade e da organização social posta.

Nos pontos nodais da locução pública aparecem proposições analíticas autovalidantes que funcionam como fórmulas mágico-rituais. Marteladas e remarteladas na mente do receptor, produzem o efeito de incluí-la no círculo das condições prescritas pela fórmula (MARCUSI, 1997, p. 95).

O autor explica que essas fórmulas mágico-rituais hipnóticas decorrem da associação de um certo substantivo estar quase sempre relacionado aos mesmos atributos e adjetivos que o explicam. Repetidas e incontáveis vezes, essas fórmulas fixam a significação na mente dos indivíduos que, por sua vez, não refletem nem procuram por outra explicação possível para o mesmo substantivo.

O filme "Our Brand Is Crisis", de 2015, exemplifica, ainda que de forma fictícia, a potencialidade de tais fórmulas distanciarem o indivíduo cada vez mais de um pensamento crítico sobre o discurso que ouve e reproduz. Em uma campanha eleitoral na Bolívia, uma consultora eleitoreira se vale da construção de uma crise para elevar seu candidato na opinião pública. Uma de suas táticas é a constante

repetição da expressão "crise" como algo auto explicativo e real, mesmo não sendo.

A partir daí, os eleitores, movidos pela preocupação e pela busca de solução para a crise que se torna cada vez mais crítica, se apoia em um candidato que promete acabar com uma situação de caos financeiro que nunca aconteceu de fato.

"O conceito ritualizado é tornado imune à contradição" (MARCUSI, 1997, p. 96), fato que vai de encontro a uma das características básicas da linguagem: a oposição, uma vez que os elementos são o que são por não ser outros, ou seja, se definem em contraposição a outro elemento como o fato do verbo ser verbo por não ser substantivo.

Para Marcusi, essa linguagem é perpetuada independente de sua aceitabilidade ou negação, pois, o mais importante é que os indivíduos ajam de acordo com ela, ou seja, de forma também funcional e operacional: "O novo toque da linguagem mágico-ritual é, antes, o de as pessoas não acreditarem nela, ou não se importarem com ela, mas, não obstante, agirem em concordância com ela" (MARCUSI, 1997, p. 107).

Supressão da história

Outra implicação da linguagem funcional é a supressão e esquecimento da história.

Um universo da locução em que as categorias de liberdade se tornaram intercambiáveis e até idênticas aos seus opostos está (...) repelindo e esquecendo a realidade histórica - o horror do facismo (MARCUSI, 1997, p. 103).

O que tende a ser evitado é o recordar, o *recordare*⁷ o ato de passar de novo pelo coração, o desconforto de sentir e imaginar outra vez o sofrimento que passou. Suprimindo a história, omite-se os fatos e a iminência da repetição dos mesmos. Não há lugar para a história na linguagem operacionalizada, pois "os velhos conceitos históricos são invalidados por redefinições operacionais atualizadas".

⁷"*Cor* (*cordis*), coração (sede da alma da sensibilidade e da inteligência)" (FARIA p.251); "*Recordatus*: Revolver no espírito, imaginar" (Ibidem p. 847).

A linguagem funcional é conceituada como "anti-histórica: a racionalidade operacional tem pouco lugar e pouco uso para a razão histórica" (MARCUSI, 1997, p.103).

O perigo de trazer a história à tona consiste no fato de que

A lembrança do passado pode dar surgimento a perigosas introspecções e a sociedade estabelecida parece apreensiva com os conteúdos subversivos da memória. A lembrança é um modo de dissociação dos fatos dados, um modo de mediação que quebra, por alguns instantes, o poder onipresente dos fatos dados. A memória recorda o terror e a esperança passados (MARCUSI 1997 p. 104).

A história possui grande potencialidade subversiva por que ela não se esquece do terror, mas (re)lembra constantemente o autoritarismo, a dominação, as ações desumanas, as contradições e a constatação do distanciamento entre os indivíduos que os particulariza e enfraquece ainda mais.

Além de todos esses fatores, a linguagem funcional é anti crítica e procura podar qualquer iniciativa de reflexão pois tal "forma linguística milita contra o desenvolvimento do significado" (MARCUSI 1997 p.94) e conseqüentemente luta contra o refletir sobre esse significado.

O homem unidimensional de Marcusi fala a linguagem unidimensional por que passa a pensar unidimensionalmente "a linguagem operacionalizada, abreviada e unificada é a linguagem do pensamento unidimensional." (MARCUSI, 1997, p. 101)

Conforme o autor, essa "é uma linguagem irreconciliavelmente anticrítica e antidialética" (MARCUSI, 1997, p.103). Nesse sentido, a criticidade, a reflexão, o esclarecimento e o resgate da cultura são essenciais, pois

O pensamento milita contra o fechamento da locução e do comportamento; possibilita o desenvolvimento dos conceitos que desestabilizam e transcendem o universo fechado ao compreendê-lo como universo histórico. Confrontado com a sociedade em questão como objeto de sua reflexão, o pensamento crítico se torna reflexão histórica (MARCUSI, 1997, p. 105).

Diante disso, o rememorar da história apresenta-se como subversão e uma tentativa de desconiliar opostos, desarmonizar contrários e fazer vir à tona as contradições antes escamoteadas.

A etimologia, estudo da origem da palavra, é uma das ferramentas que pode ser utilizada no retorno ao aspecto histórico dos termos e conceitos, pois nos confere uma perspectiva diferente da linguagem operacionalizada, permitindo uma reflexão acerca das raízes e surgimento dos conceitos conferindo a oportunidade da palavra contar sua própria história e concedendo a nós a possibilidade de conhecer um pouco mais da nossa.

Considerações finais

Em vista do exposto, é possível perceber as implicações sociais e linguísticas da funcionalização da linguagem e do fechamento do universo da locução que atingem o indivíduo.

A ausência das contradições, a harmonização dos opostos, a compactação da Arte, a funcionalização dos conceitos, a "fetichização" da linguagem, a supressão da linguagem são implicações que apontam para a unidimensionalização e reificação do ser e contribuem negativamente para o esclarecimento.

Enfim, o principal problema da linguagem operacionalizada é o fato de afastar o indivíduo cada vez mais do esclarecimento⁸, do "desencantamento do mundo", obscurecendo cada vez mais seu universo linguístico, suas ações e seu pensamento. Diante disso, se faz necessária a constante identificação dessa linguagem para que ela não se torne a linguagem oficial e comum, mas que a analisemos de forma crítica, tentando compreender seus propósitos, sua origem e suas consequências.

Nessa tarefa, a irrupção e reconhecimento dos fatos históricos, bem como a etimologia e a Arte, são ferramentas que muito podem contribuir para apontar o caminho ao indivíduo a fim de que este se reconheça como ser, não como coisa, e se defina pelo que é e não pela

⁸ "Em Adorno e Horkheimer, o termo é usado para designar o processo de 'desencantamento do mundo', pelo qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela" (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 6).

sua funcionalidade resgatando a sua própria humanidade esmagada pelas correntes da grande máquina.

Referências

ADORNO, Theodor; W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzellerl. São Paulo Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In: _____. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. 2. ed. São Paulo: editora Unesp, 2011. p. 11-48

FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino - Português**. 3. Ed. 1962. Versão digitalizada. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001612.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

MARCUSI, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Tradução de Giasone Rebuá. 1. ed. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1967.

Recebido em: 11/04/2015

Aceito em: 23/05/2017